

Esquerda procura opções para 98 mas já sabe que precisa de projeto nacional

Mais do que discurso, agora é preciso competência para enfrentar Maluf ou FH

Florência Costa

• SÃO PAULO. Pela primeira vez sem um nome óbvio para disputar a eleição presidencial — já que a opção de sempre, o petista Luiz Inácio Lula da Silva, tem dito que não quer ser candidato — a esquerda procura opções que possam fazer frente ao prefeito Paulo Maluf e o próprio presidente Fernando Henrique Cardoso, se a emenda da reeleição for aprovada pelo Congresso.

Depois das eleições municipais, que mostraram o fortalecimento político de Maluf, a esquerda fez uma constatação: a escolha de nomes para a sucessão de 98 deve ser consequência da elaboração de um projeto alternativo ao programa de Fernando Henrique, centrado na estabilização monetária, e a uma eventual receita malufista, baseada na imagem de administrador empreendedor. Integrantes dos partidos de esquerda estão preocupados com a fúria oposicionista de Maluf com relação ao Governo, que ameaça ofuscar os próprios partidos de oposição.

As tendências esquerdistas têm discursos pregando a unidade para chegar a 98 com alguma chance de vencer os opositores de direita e de centro. No entanto, a união das esquerdas, como a história mostra, só acontece em último caso. Por isso, represen-

tantes da esquerda avisam que o principal ingrediente para que a oposição entre no pesado jogo da sucessão presidencial com condições de ganhar é a competência.

Preocupado com a força política de Maluf, que elegeu facilmente um desconhecido como seu sucessor, o deputado Fernando Lyra (PSB-PE) advertiu:

— A esquerda pode ficar ofuscada com a radicalização entre Maluf e Fernando Henrique. Vai precisar ser muito competente para enfrentar essa situação. Sou um otimista, mas por enquanto não vejo luz no fim do túnel.

Tarso adverte que crítica apenas não resolve mais

Avaliação semelhante foi feita entre os petistas, na primeira reunião da executiva nacional depois das eleições. Estrela ascendente do PT, citado como opção para candidato a presidente, o prefeito de Porto Alegre, Tarso Genro — que, assim como Maluf, elegeu seu sucessor — analisou:

— Deveremos ter a inteligência de um jogador de xadrez e a sutileza de uma bailarina. A esquerda terá que sair de seu discurso generalizado de oposição. Vamos ter que sair da crítica e afirmar uma alternativa diferente da nacional desenvolvimentista pregada nos anos 40 e 50.

Os dirigentes petistas saíram da reunião ressaltando a necessi-

dade de construir um projeto alternativo. Mas, numa estratégia para enfraquecer a imagem oposicionista de Maluf, os petistas declaravam em uníssono que o prefeito de São Paulo não é e nunca foi oposição ao presidente Fernando Henrique Cardoso.

Seguindo a tradição, os esquerdistas saíram das urnas se alfineando. O PSB, que elegeu 164 prefeitos, enquanto o PT fez 112, alardeou o fim da hegemonia dos petistas. Irritados, os integrantes do PT lembraram aos companheiros do PSB que cerca de 80 das cidades onde o partido do governador Miguel Arraes (PE) venceu estão em Pernambuco.

Eufórico com o desempenho do partido, Lyra adiantou que vai tentar formar uma frente com os partidos afins: PPS, PCdoB, PV e PMN. Não citou o PT. A esquerda terá vários nomes para 98, diz ele, citando o prefeito eleito de Belo Horizonte, Célio de Castro. Lula é um nome lembrado por todos. Mas dentro do próprio PT se discute uma possibilidade, por enquanto tida como remota, de que o partido não entre como cabeça de chapa. Boa parte dos petistas, não somente os xiitas, bombardeia essa hipótese, discutida por Lula e pelo presidente do partido, José Dirceu, que no fim do mês se encontram com o ex-ministro Ciro Gomes, um tucano que critica o Governo.

— A hipótese de os petistas se unirem a uma chapa encabeçada por Ciro Gomes só mostra o quanto o PT está sem rumo. Afinal, eles procuram como opção um militante e ex-governador do PSDB, partido do presidente que eles condenam. É o samba do crioulo doido — ironizou Lyra.

Diante das afirmações de líderes do PSB de que uma aliança com o PT, pela sua própria natureza, seria difícil de ser costurada, Dirceu avisou:

— O PT não exclui ninguém de uma futura frente. Se o PSB está falando de excluir o PT é problema deles. Acho que não vai encontrar eco em nenhum partido de esquerda. É uma posição pequena e sectária.

Freire propõe partido que absorva os centro-esquerdistas

Outro representante da esquerda que não esconde as críticas ao PT, o senador Roberto Freire (PPS-PE) avisa que não participaria novamente de uma Frente Brasil Popular, que lançou Lula candidato a presidente em 1989 e em 1994 com a participação apenas dos partidos de esquerda, sem a inclusão de setores de centro-esquerda. Freire defende a idéia de criar um partido que aglutine os esquerdistas e centro-esquerdistas, a exemplo do que fez o PDS italiano (ex-partido comunista). ■